O DEMOCRATA

Semanário Republicano de Aveiro

(AVENÇADO)

ANO 36.° Sábado, 24 de Abril de 1943 N.° 1781

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ESTUDOS REGIONAIS

História da terra aveirense

Geologia do Quaternário

pelo dr. Alberto Souto

XXI

Entre as mais notáveis tentativas de cronografar as indústrias do Paleolítico, conta-se a do ilustre professor e prehistoriador francês rev.° Henry Breuil.

O rev.° Breuil, nome glorioso da ciência, professor do Colégio de França, patriota insigne, refugiou-se no nosso país após a invasão alemã e o desastre militar que tanto impressionou o mundo.

Trabalhando em Portugal, o ilustre professor fez observações e produziu estudos importantes que aguardam a publicação por que todos nós, os dedicados a êstes assuntos, ânsiamos.

Breuil, como eu noticiei nêste jornal, visitou o vale do Certima e fez pesquizas na Mealhada e Pampilhosa acompanhado pelos professores srs. Drs. Virgílio Correia e Orlando Ribeiro da Universidade de Coimbra, e, modestamente, por mim. Os seus estudos sôbre os litorais quaternários e as indústrias paleolíticas tiveram a colaboração do geologo M. Georges Zbyszewski que, ao serviço de Portugal, muito tem contribuido recentemente para o esclarecimento dêstes problemas. Zbyszewski trabalhou também já no distrito de Aveiro. A cronologia de Breuil foi exposta há anos na *Broteria* pelo rev.° P.° Jalhay, outro ilustre prehistoriador, verdadeira autoridade no nosso país, que há poucos dias visitou Aveiro e cujo nome cito sempre com o prazer da admiração pelos seus talentos e o da gratidão pelas benévolas referências que me tem feito. Segundo o sr. P.° Jalhay, o professor Breuil reconheceu nas margens do Somme, em França, três períodos nitidamente interglaciarios que serão, a contar dos terraços superiores para os inferiores, Gunz-Mindel, Mindel-Riss e Riss-Würm.

A seguir ao primeiro dêstes períodos interglaciários, aparecem vestígios de três períodos glaciários, alternando com os glaciários. Seriam Mindel, Riss e Würm, cabendo a Gunz a formação do primeiro leito do rio, no terraço de 40 metros de altitude.

Daqui resulta para Breuil a colocação das *indústrias* de lascas tôscas inferiores ao Red Crag de Ipswich no Pre-Gunz e Gunz; a *indústria* de bifaces prechelense e chelense e a base da *indústria* clatonense, de largos planos de percussão, no Gunz-Mindel; o Acheulense, parte do Clatonense e do Levaloisense no Mindel-Riss; parte do Levaloisense e Mustierense de Weimar e Grimaldi no Riss-Würm, pertencendo o fim do Mustierense e o Aurinhacense, o Solutrense e o Madalenense antigo ao Würm I e Würm II.

Porém, «*por brilhante que seja a classificação do erúdito professor do Colégio de França,* diz o sr. P.° Eugénio Jalhay, *está ela ainda longe de ser aceite unanimemente por todos os prehistoriadores.*»

E tanto assim que apareceram em Inglaterra, depois, outras classificações, como as de Blake Whelan e de Burckitt, e no país visinho a do professor Obermaier, que diverge também de Breuil, colocando o Aurinhacense superior e o Solutrense no máximo da glaciação de Würm e o Aurinhacense inferior, com o Mustierense e o Acheulense no interglaciário Riss-Würm, sendo o Madalenense epi-glaciário.

Como expuz no *Arquivo do Distrito de Aveiro* em 1939 (Vol. V—n.° 17 —*A Geologia do Quaternário e o Homem paleolítico do Vale do Certima*—série de *Geologia e Prehistória do Distrito de Aveiro*), uma tentativa curiosa para sintetizar os problemas cronológicos da geologia e da paleontologia quaternárias e da arqueologia prehistórica, é a do professor Friede-

Para lá da realidade

Afinal a justiça é o direito, a razão, o bem e os interesses próprios da pessoa humana, encarados legitimamente.

A justiça é o nosso direito. E' o direito do nosso semelhante. Tudo que lesa o nosso direito e o direito do nosso semelhante, é, portanto, uma injustiça. E o nosso direito é legítimo, verdadeiramente humano e reflexo da ordem divina, até ao limite de não colidir ou ferir o direito do nosso semelhante.

No encontro dêstes aspectos do direito, o que é nosso e o que pertence aos outros, é que se situa o seu ponto delicado, nevralgico.

Pode-se, por conseguinte, dizer que o legítimo é a quási perfeita ou a perfeita medida do direito.

Na determinação, na busca desta legitimidade, é que, incessantemente se debruçam, laboriosos e insatisfeitos, queimando a inteligência, os filósofos, os pensadores, os cultores do direito e os reformadores religiosos e políticos.

A legitimidade é pedida, é solicitada aos direitos naturais da pessoa humana, à sua maneira íntima e profunda de ser e aos imperativos da própria natureza das coisas.

O natural, isto é; a natureza, na sua realidade material e espiritual, domina, por completo, a razão e a consciência, domina basicamente a vida e a sociedade.

Quando o homem e as sociedades se afastam, esquecem ou desprezam o natural, as suas leis humanas e divinas é quási certo que estremecem, vacilam e estatelam-se no solo.

Tira-se esta lúcida e eloqüente lição do exame ou do estudo da história.

Ou antes: a vida e a natureza, na sua fôrça irresistível, aplicam à história esta realística e pungentíssima lição.

Quere dizer: o regresso é inevitável. *Chassez le naturel il revient au galop*, sentenceia justamente um clarividente provérbio francês. E' em nome e invocando essa legitimidade, que se têm realizado as maiores revoluções morais e sociais da humanidade.

E que o torturante esfôrço do espírito e do homem, para se redimirem a si próprios, continua inquebrantável e eterno, através do ritmo fatal e necessário do tempo.

Quando Jesus, numa hora crítica da história, elevando o seu verbo divino de Deus, mas tocado de profunda humanidade e realidade, proclamou: *não façais aos outros o que não queres que te façam a ti*, êle mais alto que os reformadores e os políticos de qualquer época definiu e objectivou, exemplarmente, as fronteiras justas e imortais desta ansiada legitimidade.

A revolução moral e social do cristianismo estava tanto na natureza das coisas; correspondia tanto a necessidades riais e espirituais da pessoa humana; era tanto justiça da consciência e da razão; e tanto direito da conduta, da posição e da forma exterior da humanidade, que ela ficou para sempre a flutuar no mundo, imarcescível, como uma estrêla donde brotasse, perenemente, a água viva, o fermento puro, a flama inextinguível de tôdas as renovações—ou ela não fosse o *caminho, a verdade e a vida!*

J. CARREIRA

P. S.—No passado artigo deve ler-se: «E', em virtude dêstes máximos valores espirituais, que a natureza humana em certa medida, é de origem divina e exprime, relativamente, as perfeições infinitas do Criador.

J. C.

Ílhavo de luto

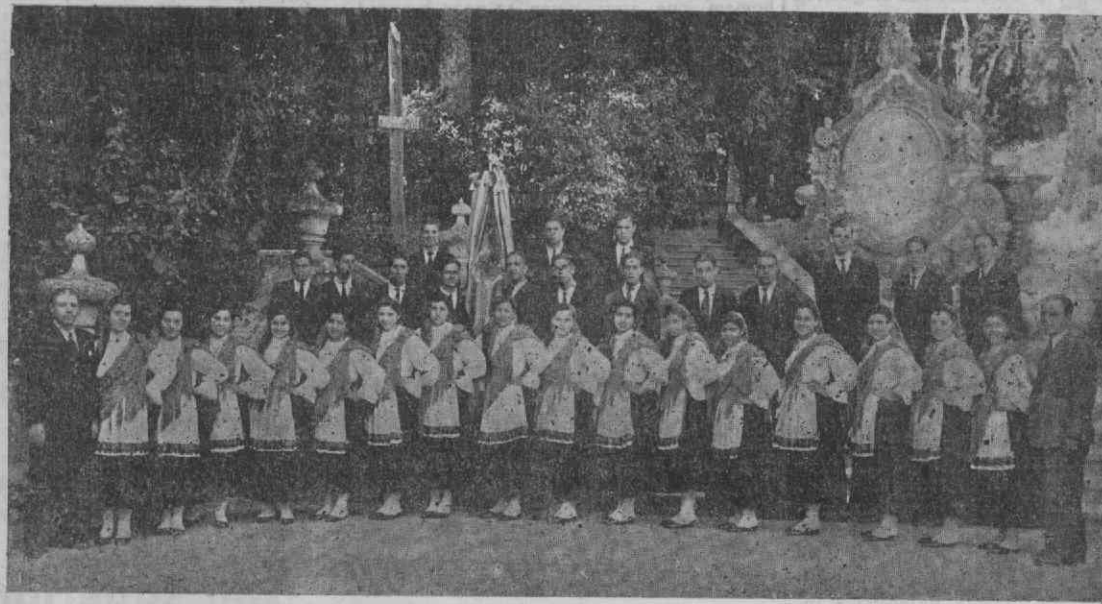
Outra tragédia marítima acaba de roubar ao nosso visinho concelho mais 18 vidas, que tantos foram os tripulantes desaparecidos com o navio *Santa Irene*, ùltimamente alvejado a tiros de canhão e metido no fundo.

Acompanhamos na sua dôr as vítimas sobreviventes ou sejam as famílias dos desventurados náufragos.

O PAPEL DE JORNAL

Em virtude do preço que acaba de atingir e das dificuldades em se obter, o *Boletim da União de Grémios e Logistas de Lisboa*, apresentando-se com feição mais madesta, foi obrigado, também, a diminuir as suas páginas.

Uma tristeza!

A alegria de Coimbra em Aveiro

Chega amanhã no combóio das 17 horas e 20 minutos o *Rancho de Coimbra*, que, convidado a tomar parte no festival de encerramento da Feira de Março, naquele recinto deve exibir as suas danças e canções até à meia noite.

São os rouxinois do Mondego que veem trinar junto da nossa ria para alegrar as nossas almas e desanuviar os nossos espíritos.

Bem-vindas sejam essas raparigas até nós! Bem-vindo o *Rancho de Coimbra* com o sorriso das suas mulheres e a desenvoltura dos seus rapazes! Bem-vinda a mocidade vigorosa, forte, entusiasta! Bem-vindos êsses corações juvenís, romeiros do amor, élos da afeição entre duas cidades onde a água pura e cristalina aparece na paisagem como um espelho em que se revêem os multiplos encantos da Natureza! Bem-vindos! E que desta nova visita a Aveiro nos seja lícito avivar, quando mais não seja, a lembrança dum passado feliz, para que não se extinga a rubra chama da nossa ilimitada simpatia por a lendária terra onde tiveram o seu trágico epílogo os amores de Inez.

* * *

O *Rancho* descerá a Avenida do Dr. Lourenço Peixinho a cantar a marcha *Coimbra-Aveiro*, da autoria de Octaviano de Sá, hoje advogado muito distinto, e que há quarenta anos foi ovacionadíssima entre nós.

IMPRENSA

Correio da Feira

São volvidos 46 anos sôbre o seu aparecimento na vila donde tira o nome e cuja defêsa tem procurado efectivar sem atritos nem retaliações. Dirigido pelo sr. José Soares de Sá para ele vão os nossos parabéns.

A Semana Santa

—o—

Decorreu, entre nós, sem interêsse de maior, como nos anos anteriores. Na procissão de quarta-feira, do Viático aos enfermos, já nem a tradicional campainha se fez ouvir, à frente.

Até isso desapareceu!

Crónica alfacinha

A música

Como diz Chateaubriand, não devemos julgar a música um prazer, mas acreditar que ela reune em si tudo o que é bom— todos os prazeres.

De facto a música é a mais divina das artes, é a corrente forte que nos prende o espírito, nos purifica a alma, faz nascer em nós a virtude, afasta de nós o ódio. Quem ama o que é belo não pode ficar indiferente a um trecho executado por mãos de artista, ou a uma criação de autor genial. Se estamos tristes ela nos anima, se sofremos ela nos consola docemente, se pensamentos pessimistas nos atacam logo ela vem em nosso auxílio desanoviando-nos. A música, quando é boa, leva-nos o espírito para as regiões desconhecidas do além, faz-nos viver num paraíso irreal, faz-nos amar a natureza, fugir da banalidade.

Cecília estava estasiada ante a visão deslumbrantemente bela dos anjos que cantavam em côro quando instintivamente arrancou da harpa a mais melodiosa composição. Delicia o ouvido qualquer formoso trecho de Schubert, Beethoven, Wagner, Shauman, Bilirri e tantos outros. Nêles há variedades capazes de satisfazer os mais exigentes gostos. Uns são fortes, como que arrancando-nos aos pensamentos; outros, calmos e dôces falam-nos de amôr, de sonhos côr de rosa. Digam o que disserem: a Itália é para mim país de beleza incomparável, país onde cada pedra é uma obra de arte e onde cada ente se entrega à música com paixão. Desde o simples timbre cantante da voz ao mais difícil trecho de ópera lírica, o italiano conhece os segredos da mais bela das artes.

Quando as tardes mornas de verão descem langüidas sôbre a terra perfumada e num recanto tranqüilo ouvimos um violino ou um piano, falar-nos dôcemente numa linguagem de sons harmoniosos, o espírito transporta-se a paragens tão distantes e belas, fica tão longe da terra que as muitas horas nos parecem curtos momentos. Oh! A música é amada pelos poetas, pelos pincéis, pelos anjos, pelos santos, por todos aquêles que têm uma alma sensível e um coração de ternura.

A mulher que com seus dedos afilados proporciona momentos de ventura espiritual, que nos faz esquecer ainda que por minutos a dôr, o sangue, a tristeza que invade o mundo é bem uma deusa!

Que bom seria se tôdas as raparigas dêste século de futilidades se dedicassem à música, à arte, à literatura, a tudo, enfim, de valor real, contribuindo dia a dia para o encanto do lar!...

Como ela se engrandeceria aos olhos do homem que hoje a vê apenas como *biblot* inútil!...

de Palermo

Teatro de estudantes

Como noticiámos veio na penúltima sexta-feira a esta cidade o Orfeão Académico da Universidade do Pôrto, que, sob a regência do maestro Afonso Valentim, mostrou a sua arte, cantando, com agrado, vários números do seu reportório.

Ao subir o pano disse algumas palavras de saudação o sr. dr. David Cristo, agradecidas pelo presidente do Orfeão, sr. Remé Guimarães, quartanista de engenharia, tendo a aluna do nosso liceu, Maria Helena F. Gomes Teixeira, na sua qualidade de madrinha da embaixada, colocado na bandeira a fita simbólica, como recordação da visita.

O resto do espectáculo foi preenchido com guitarradas, fados, canções e ditos mais ou menos engraçados, tudo próprio de rapazes desprendidos, sem responsabilidades na vida.

A Feira de Março

chegou ao seu termo, está no fim, fechando àmanhã

Ao cabo de um mez, a Feira de Março vai dar por findos os seus dias. Ainda no domingo a concorrência foi grande e o negócio correu. Muita gente de fóra e dos arrabaldes veio à cidade para comprar e divertir-se. Mas à noite, o festival, dentro do recinto, promovido pela Companhia de S. P. Guilherme Gomes Fernandes, excedeu a espectativa, devendo o de amanhã marcar com a presença do *Rancho de Coimbra*, composta de muitas caras lindas, mimosas, sedutoras. Sempre é um rancho folclórico, oriundo duma terra aonde a poesia e a música se casam para o mesmo fim: valorizar, cantando, as suas endechas, os seus encantos, espalhando, ao mesmo tempo, o perfume das rosas da Rainha Santa... Vão vê-las e ouvi-las, aveirenses, porque

Coimbra, terra opulenta
Das maravilhosas cantigas,
Tem a eterna mocidade
Da graça das raparigas.

como o proclamou Amélia Janny, como o teem proclamado tantos que vivem da tradição e agarrados a ela querem morrer, embora lhes chamem—românticos...

Vão vê-las, aveirenses, vão ouvi-las. Que para despedida da Feira de Março não podiam encontrar melhores... *carpideiras*...

A nova hora

Com o adiantamento dos relógios mais 60 minutos verifica-se que, pelas alturas do S. João, teremos vestígios de luz diurna até 13 minutos antes da meia noite, o que, francamente, para quem não gosta de se deitar ao anoitecer nem muito tarde, atrapalha um bocado...

Já lá viram?...

Atenção para a 4.ª página

Monumento a Lourenço Peixinho

para lhe perpetuar a memória na Avenida que tem o seu nome

SUBSCRIÇÃO

Transporte	8.750$00
Dr. Alberto Souto	200$00
Diniz Gomes (Ilhavo)	100$00
Alberto de Oliveira Carvalho	50$00
Soma	9.100$00

As quantias recebidas durante a semana, darão entrada, à segunda-feira, no Banco Regional.

rich E. Zenner, referida em *Le Mois*, pois tenta aplicar os resultados do estudo da radiação solar à cronologia pleistocénica da Europa Central, utilizando a «*curva da radiação*» de Milankovitch.

Esta tentativa é particularmente curiosa porque os cálculos, pela teoria do resfriamento estival de Milankovitch coincidem com os de Penck e Brückner que atribuem ao conjunto do período glaciar quaternário (o Gunz, Mindel, Riss e Würm alpinos) uma duração de 600.000 anos.

São muito falíveis êstes cálculos tendentes ao estabelecimento de uma cronologia absoluta, mas é sem dúvida interessante a aparelhagem do método que permitiria datar, até, o desaparecimento das antigas espécies e a aparição das novas, bem como as migrações, relacionando, quási que matemàticamente, os factos paleontológicos com os fenómenos climáticos. Segundo esta teoria, o *Homo Heidelbergensis* ou *Homem de Mauer*, que é o homem fóssil mais antigo da Europa, não pode ser posterior à fase interglaciária situada entre Gunz II e Mindel I. Pode atribuir-se-lhe a cultura prechelense que se situaria na escala absoluta pelo ano 500.000 antes da nossa era. O *Homem de Néanderthal* viveria na Alemanha na última fase do inter-glaciar Riss-Würm e ainda teria presenciado a glaciação de Würm, o que lhe indicaria uma antiguidade de 140 a 105.000 anos.

Sem nos perdermos no deslumbramento das teorias desta ordem e sem insistirmos na comparação das cronologias relativas e das classificações como as de Breuil, Commont, Obermaier, Blake Welan e Burquit direi novamente com o sr. Professor dr. Mendes Corrêa, que *não é fácil fixar as relações cronológicas das várias estações paleolíticas e dos seus achados* e que, como já notei, é muito difícil estabelecer uma cronologia dos depósitos terrestres e dos fenómenos de escavamento dos vales e da formação dos terraços aluvionares e sincronisar êsses fenómenos com os depósitos e fenómenos marinhos correlativos e com a ordem dos períodos glaciares, das faunas terrestres e dos factos essências da paleontologia prehistórica.

Em Portugal as mais recentes sistematisações e tentativas de coordenação devem-se a Georges Zbyszewski, ao sr. dr. Carrington da Costa e a Breuil em colaboração com aquêle geologo, estas ainda não publicadas (alguns trabalhos foram-nos distribuidos em folhas dactilografadas).

Segundo Zbyszewski, no seu trabalho de 1940 *(Contribution a l'étude du littoral quaternaire en Portugal)* a ordem e relação gerais dos fenómenos pleistocénicos no nosso país seriam as seguintes:

Regressão (recuo) muito importante do mar no Plioceno superior. Deformações do continente. Erosão e transporte muito acentuados de materiais. Depósitos grosseiros vermelhos. Ferretização dos depósitos no norte. Crustas lateriticas no sul. Formação dos terraços superiores do Minho e dos altos terraços litorais: plataforma do Porto (areias e balastros). Clima pouco humido com fortes variações anuais. Continuação dos movimentos positivos do continente. Depósitos *sicilianos* do Cabo de Espichel. Fauna quente de Condeixa com *Elephas meridionalis* e *Hippopotamus major*.

Litoral chelense em Peniche e de fauna quente *tirreniana* no Cabo de Espichel. Transgressão (avanço do mar sobre a terra). Formação do baixo terraço litoral e dos terraços médios dos cursos de água. Movimentos positivos do continente e migração da flexura litoral (linha de desnível marginal). Importantes dejecções torrenciais sôbre tôda a costa portuguesa.

Dunas consolidadas no Alentejo e Algarve ocidental. Fauna quente da Mealhada (*Elephas antiquus* etc.) e indústria chelense.

Princípio da regressão (recuo do mar).

Continuação da regressão marinha. Indústria acheulense e fauna quente da gruta da Furninha, em Peniche. Limos côr de rosa.

Máximo da regressão. Escarvamento dos grandes vales actuais e comêço de colmatagem e preenchimento. Limos vermelhos mustierenses.

Glaciação wurmense na Serra da Estrêla. O litoral wurmense encontra-se ao largo, a 150 metros negativos (segundo Lautensach).

Indústria madalenense da Cova da Moura, em Cesareda. Calhoeiras e limos vermelhos sôbre os baixos terraços litorais. Fauna fria da gruta das Fontainhas.

Retirada glaciar. Transgressão *flandriana*. Movimentos do continente, depósitos dos baixos terraços fluviais (5 metros positivos). Pedregais e limos vermelhos. Ingressão do mar nos estuários por efeito do jôgo da flexura litoral (linha de desnível marginal).

Segue-se a época dos concheiros de Mugem e vale do Tejo com uma indústria nitidamente mesolitica, raça predominantemente dolicocefala e alguns elementos de tendência brachicefala. Em algumas estações arqueológicas aparecem specimens de instrumentos com morfologia paleolítica inferior.

Esta última fase, como já disse, não nos interessa por exceder os tempos quaternários.

Mas é no restante dêste quadro esquemático, mais ou menos modificado pelos estudos posteriores e em curso em Portugal e no Marrocos atlântico, que teremos de meter e ordenar a classificação dos terrenos pleistocénicos de entre Mondego e Douro ou sejam os do baixo Vouga e do litoral vouguense.

Êsse trabalho—necessàriamente, e por enquanto, mero ensaio e susceptível de muitos e grandes reparos e modificações, certamente cheio de êrros e faltas de minha parte, será uma das mais curiosas e árduas tarefas de quantos quizerem fazer e compreender a história geológica da terra aveirense. Serei eu, sem dúvida, o menos competente e menos feliz dos obreiros dessa tarefa, mas não a abandonarei e nela prosseguirei pelo amor dessa mesma terra.

* * *

Suspendo agora, e por alguns meses, talvez, êstes artigos. Terminei a primeira série, a parte geral, a introdução, a explicação necessária, muito resumida embora, das noções mais elementares indispensáveis à compreensão do assunto. Há-de seguir-se a segunda série, o estudo local pròpriamente dito, a tentativa da aplicação do critério geológico mais recente aos terrenos regionais. Alguns meses de observação e estudo me são precisos ainda. A paralização forçada e imprevista dos transportes automóveis particulares, contratempo com que eu não contava, força-me a adiar e obriga-me a demorar alguns trabalhos de campo que faziam parte do meu programa. As observações estendem-se do Douro ao Mondego, das praias do mar, ao amago dos vales que entram pelas serras deutro. A pé e de bicicleta não me é possível andar muito e depressa.

Se Deus quizer aqui voltaremos e —prosseguiremos.

Entretanto, os meus raros leitores sentirão alívio. Deles fico esperando paciência para a nova jornada.

A Escola Industrial e Comercial de Fernando Caldeira

celebrou, com júbilo, o seu cinqüentenário

Efectuou-se a festa. Cumpriu-se o programa. Mas dêste uma parte se destacou —a sessão solene na sala da Biblioteca Municipal.

Presidiu o sr. dr. Carlos Proença, director geral do ensino técnico, secretariado pelos srs. Presidente da Câmara, representante do sr. Governador Civil, Comandante Militar e dr. Vieira Gamelas. Ao lado, o sr. Arcebispo-Bispo da diocese com o seu secretário.

Fala em primeiro lugar o sr. Julio Cardoso, director da Escola, que apresenta cumprimentos ao sr. Director Geral, cuja presença agradece. E prossegue: viu V. Ex.ª as necessidades desta Escola; certamente, no seu regresso a Lisboa, dirá ao sr. Ministro as dificuldades com que lutamos para ministrar o ensino aos 500 rapazes nela matriculados.

A seguir: a história desta escola, durante os 50 anos da sua existência (foi fundada pelo sr. Bernardino Machado, quando ministro das Obras Públicas da monarquia) vai ser lida a V. Ex.ª pelo antigo director, sr. Silva Rocha, homem que aqui viveu 42 anos e aqui envelheceu. Mas antes disso permitam-me quantos aqui se encontram, duas palavras.

Celebramos hoje o cinqüentenário da Escola Fernando Caldeira e eu entendi que era preciso que lembrássemos à cidade que ela devia despertar do sono de cinqüenta anos, para acarinhar e até certo ponto amar a sua Escola Técnica, porque, em Portugal, numa errada visão das possibilidades de cada um e das necessidades da Pátria, tem-se abusado da tendência de dar à mocidade a formação pelas Escolas Superiores. Resulta daí que dessas escolas e a par de algumas mentalidades de relêvo, saiem também muitas que nada mais farão durante tôda a vida do que vangloriar-se dum título.

As Escolas Técnicas, que podem dar ao país elementos de incalculável valor, têm sido um pouco esquecidas por aquêles que, podendo econòmicamente dar instrução a seus filhos, preferem um curso superior, muitas vezes tirados sem proveito, a um curso técnico, inteiramente de harmonia com a sua inteligência e tendência, e onde poderiam actuar dentro da respectiva esfera de acção. Mas a verdade é que, de uma maneira geral, através de um curso superior visiona-se uma vida burocrática, cómoda; através de um curso técnico, a vida apresenta-se muito mais dura.

Quer isto dizer, que, na vida, o que amedronta é o trabalho—factor essencial do progresso de tudo que é susceptível de progredir.

A instrução, é o *ornamento do rico* e *a riqueza do pobre*, disse alguém; mas a instrução não é exclusiva das escolas superiores. Nas Escolas Técnicas também se ministra sólida instrução, de maior proveito, por ser mais fàcilmente assimilável. Prova eloqüente desta minha afirmação pode ser o balanço da actividade desta Escola durante os seus 50 anos.

Representa para tôda esta região riqueza de incalculável valor, o labor desta Escola. Nem o lavrador, o sempre amado e esforçado trabalhador da terra portuguesa, fez sementeira que mais frutos tivesse dado, nem as montanhas que se erguem, como gritos da terra bradando aos céus, atingiram mais elevadas culturas.

Esta Escola, meus senhores, tem sido um campo de sementeiras e colheitas contínuas, sem estações que as regulem, sem chuvas que as desenterrem, sem ventos que as fustiguem, sem rios que as inundem e sem estios que as estiolem.

Esta região deve tudo à sua Escola Técnica por onde passaram, até agora, cêrca de 15.800 rapazes, que labutam para valorizar êste belo retalho da Pátria Lusitana.

Emquanto os nossos campos não forem charruados com inteligência e nas nossas oficinas se não trabalhar com perfeição; emquanto fora das cidades os homens se não apresentarem desempoeirados e devotados às profissões que tiranizam os musculos e purificam as almas, a Pátria não pode elevar-se e atingir, no conceito Universal, o lugar a que a sua história lhe dá direito.

Para isso as escolas técnicas ensinam a trabalhar com devoção e inteligência, são um inegualável elemento de valorização das classes que amanhã, com o seu braço forte e a sua alma crente, podem sustentar bem alto o espírito de Portugal, dêste Portugal que dia a dia se vai integrando no movimento renovador do Mundo, sob a chefia de um homem que consegue ser, simultâneamente, um exemplo vivo de trabalho e uma demonstração eloqüente de inteligência.

Hoje sente-se a formação de uma nova mentalidade em Portugal, que vai até às escolas técnicas e V. Ex.ª vão apreciar nos trabalhos ali expostos, o esfôrço dêstes rapazes, a orientação dêstes professores, absolutamente integrados no movimento renovador.

Isto me basta, meus senhores, para me vangloriar por ser um, e há 25 anos, o mais humilde dos seus professores.

Aqui dentro ergue-se majestoso um altar de luz; altar onde se têm ajoelhado muitas gerações de rapazes para aprenderem a rezar a oração da obediência, a oração do trabalho, a oração da vida.

Uma calorosa salva de palmas é a chave dêste discurso. Depois falam o aluno José da Silva Brilhante, em nome dos seus companheiros; o antigo aluno José Ferreira; o sr. Silva Rocha, que descreve como foi fundada a Escola; o sr. Presidente da Câmara, que, em nome dela, se associa à festa, e por último o sr. Director do Ensino Técnico, que justifica a sua presença e diz acompanhar os professores no seu júbilo como prova de solidariedade. Concorda que a Escola funciona em más condições; todavia a sua hora também há-de chegar quando as circunstâncias o determinarem.

Por último apreciaram os convidados a exposição dos trabalhos dos alunos da Escola, reveladores dos conhecimentos nela adquiridos e em virtude do que não será demais insistir, ao cabo de meio século, pela aquisição dum edifício onde melhor possam desenvolver-se e estudar.

Indecoroso

O espectáculo degradante que todos os dias se presencia no largo fronteiro ao quartel de Infantaria 10, tem de acabar, pois não faz sentido que uma legião de maltrapilhos de ambos os sexos que ali vai buscar o rancho para matar a fome, permaneça nas imediações horas esquecidas, fazendo do recinto estadia e com a agravante de se não conservar com a devida compostura.

Que a pobresa vá aproveitar os créscimos do rancho está muito certo e até achamos justo, principalmente na época que se atravessa, que nada se pode perder ou desperdiçar; agora que lá assente arraiais é que entendemos que não se deve consentir, pois além do aspecto miserável daquela gente, praticam-se actos que brigam com a moral e que é necessário evitar.

Numa palavra: aquilo é nem mais nem menos do que um foco de prostituição, havendo tôda a conveniência em o exterminar, se as autoridades assim o entenderem.

Linda coisa!...

As chuvas desta semana foram uma rega benéfica para as ervas que crescem pelas principais ruas da cidade, mas que ninguém da Câmara vê, para só enxergarem as das vielas ou artérias de somenos importância.

Claro que é uma linda coisa... A' qual não podemos deixar de fazer referência pelo lustro que isso dá a Aveiro...

Falta de respeito

No recinto da Feira esboçou se, domingo de tarde, um incidente, que nos abstemos de comentar e que só a falta de cortesia e de educação lhe dera origem.

E' lamentável que certa gente não se saiba conduzir na sociedade, de forma a evitarem-se cenas desagradáveis, que só aborrecem, como a que acima aludimos e que nada dignifica quem as provoca.

Este, como outros casos que de vez em quando surgem, deviam ter o seu epilogo no comando da polícia a ver se certos *sujeitos* arripiavam caminho, entrando na regra do bom viver.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Bairro de Sá

O que aqui escrevemos a semana passada sôbre a imundice do populoso bairro mereceu louvores da parte de algumas pessoas que ali habitam e que manifestaram a sua concordância com a nossa atitude, que não podia ser outra em face do que está à vista.

Porcaria e só porcaria é o que ali se enxerga, não falando na que sai, às carradas, do Quartel de Cavalaria 5, em pleno dia e que além de *perfumar* a rua a torna ainda mais imunda.

Doenças dos olhos

Dr. Francisco Lage, médico especialista pela Faculdade de Medicina de Paris e Bordeus, substituto do Dr. Costa Candal com consultório na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, comunica aos interessados que as consultas se efectuam às terças e sextas-feiras, das 11 às 13 horas e das 14 às 16 horas.

Almanaque de Fafe

Sob a proficiente direcção do nosso colega do *Desforço*, Artur Pinto Bastos, publicou-se ainda o do corrente ano, que temos, aqui, na nossa frente, e é um volumesinho com bom recheio desde a capa à última página. Além disso tem um apreciável aspecto gráfico e ilustram-no nítidas gravuras de propaganda regional, visto ser essa a sua principal função.

Crêmos não haver outro que se lhe possa igualar. Artur Pinto Bastos deve orgulhar-se e rever-se no valor da sua obra, tanto mais que hoje é duma dificuldade incalculável obter quási tudo que entra numa publicação, como esta, de tão honradas tradições. E o dinheiro que isso custa!

Nós admiramos a tenacidade de Artur Pinto Bastos, bem digna do reconhecimento da vila que serve com tanta dedicação, com tanto carinho, com tanto amor. *O Desforço* e o *Almanaque de Fafe*, o primeiro com 50 anos e o segundo com 35, atestam que Artur Pinto Bastos ainda não esmoreceu, antes continua a bater-se pela sua dama. São assim os que lutam por um ideal de perfeição e trabalham e se esforçam por engrandecer o seu torrão natal—a terra onde nasceram, onde vivem, onde criam afeições.

Agradecemos ao velho colega e amigo o brinde com que nos distinguiu e a cativante dedicatória que o acompanha. Ela é o reflexo duma alma nobre, dum coração generoso, dum espírito elevado. E quem possue estes predicados tem direito à consideração dos que o cercam.

Produzir e poupar é garantir o pão dos portugueses.

Produzir milho é amealhar riqueza.

É necessário e urgente que todos os terrenos apropriados para êste cereal sejam intensamente cultivados.

Hoje, mais do que nunca, temos de contar quási exclusivamente com os nossos recursos internos.

Não esqueça que defende a Nação e o seu lar se **produzir e poupar.**

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: àmanhã, a sr.ª D. Palmira de Morais Sarmento Lima, residente em Lisboa; no dia 27, o nosso presado amigo dr. António do Nascimento Leitão, coronel-médico também com residência na capital; em 28, o menino Humbertino de Sousa Pereira, filho do sr. Joaquim Pereira, industrial em Braga; em 29, as sr.as D. Maria Clementina Ferreira e D. Gelicia Carvalho de Oliveira, esposas, respectivamente, dos srs. Rogério Lopes Rodrigues, director da Escola Comercial de Oliveira de Azemeis, e Serafim de Oliveira, 2.º sargento de Infantaria 10, e a gentil Maria Clara Mendes Leite de Almeida, dilecta filha do sr. general João de Almeida, e em 30, o sr. Alexandre M. Leite de Almeida, também filho daquele antigo oficial do Exército, e a sr.ª D. Palmira de Oliveira Castro Vinagre, esposa do sr. Waldemar Pinho Vinagre e filha do sr. Francisco da Silva Castro, ausente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil).

Casamentos

Na igreja de S. Gonçalo consorciou-se, no último sábado, o sr. Cravo Machado dos Santos Calisto, proprietário do Salão Cravo, *com a gentil Georgina da Costa Lourenço, filha do sr. António Ovidio Lourenço, já falecido.*

A noiva distinguiu-se como componente do Grupo Cénico do Club dos Galitos *e, como o noivo, reune qualidades que hão-de fazer a felicidade do novo lar.*

São êsses os nossos votos ao dirigir-lhes felicitações.

—Também, domingo, teve lugar, na Sé Catedral, o casamento da tricaninha Antonieta Martins de Carvalho, filha do sr. Carlos Francisco de Carvalho, com o sr. António Trindade Ferreira, comerciante local.

Assistiram diversos convidados que vaticinaram aos nubentes as maiores venturas.

Gente nova

No Pôrto foi baptizada a filhinha da sr.ª D. Maria José Mota Lima e de seu marido o sr. Luciano Marques Lima, recebendo o nome de Maria Valentina.

Assistiram à cerimónia, além de outras pessoas, a sr.ª D. Valentina Marques Lima e o sr. José de Sousa Lopes, respectivamente, avó e tio da criança, que serviram de padrinhos.

Partidas e Chegadas

A passar as férias da Páscoa encontram-se entre nós a sr.ª D. Marilia da Rocha Pereira, professora em Colmeias (Leiria) e os srs. dr. Carlos do Vale, juiz de Direito em Caminha; Rogério Lopes Rodrigues, director da Escola Comercial de Oliveira de Azemeis, tenente Manuel Nogueira Santana, residente em Macieira de Cambra, e Nóbrega e Sousa, de Lisboa e respectivas familias.

—Também estiveram em Aveiro o nosso colaborador sr. Joaquim Carreira, actualmente no Pôrto; as sr.as D. Maria José Brito e D. Maria da Luz M. Lima Pinto e marido e os srs. Waldemar Correia, professor oficial, e Gil Pires da Maia e sua interessante filha, todos residentes naquela cidade; Amilcar de Lima Gouveia, aplicado aluno da Universidade de Coimbra e filho do sr. Manuel Gouveia; Jaime M. Lima, funcionário de Finanças em S. Pedro do Sul; professor Lotário Casimiro da Silva, residente em Couto do Mosteiro (Santa Comba Dão); António de Brito, farmacêutico em Valadares, esposa e uma filha, Fernando de Assis Pacheco, residente em Lisboa, e João Simões de Pinho, de Cacia.

—Com sua esposa e filhos esteve igualmente nesta cidade, de passagem para Lisboa, onde na próxima semana devem embarcar no Colonial, *com destino a Benguela (África Ocidental) o sr. dr. José de Sousa Melo e Castro, nosso colega do* Povo da Beira, *de S. Pedro do Sul.*

Feliz viagem e as maiores venturas lhes desejamos.

—Também aqui esteve, no último sábado, o sr. Vicente Rebelo de Sousa Reis, de Arrifana, a quem nos foi grato conhecer e cumprimentar.

—Por ter sido colocado na Escola Prática de Infantaria, em Mafra, seguiu para ali o 2.º sargento Teotónio Manica que há pouco chegou de Moçambique (Africa Oriental).

Doentes

Encontra-se de cama, inspirando o seu estado os maiores cuidados, o sr. Mário Arroja, escriturário da Câmara Municipal.

Desejamos o seu completo restabelecimento.

Declaração

Maria Alves de Oliveira declara que não se responsabiliza por dividas contraidas por seu marido, João Rodrigues Cardoso, visto ter perturbações mentais.

Aveiro, 21 de Abril de 1943.

Visitai o Parque da Cidade

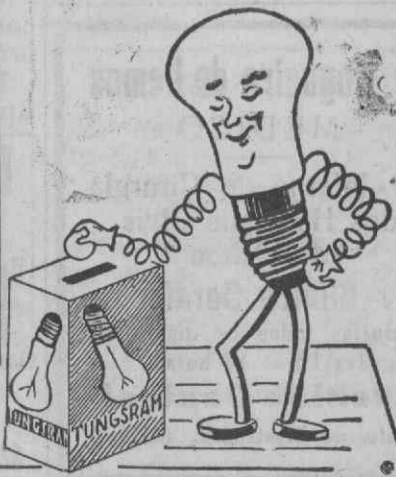
Carta de Lisboa

Chefe do Estado

A passagem do primeiro aniversàrio da última reeleição do sr. General Carmona para a presidência da República, foi de novo pretexto para que todo o país aproveitasse a oportunidade e afirmasse a muita veneração, o seu elevado aprêço pela figura do Chefe do Estado.

Embora o sr. General Carmona tivesse dispensado os cumprimentos oficiais, o certo é que todo o país acorreu a saüdar o sr. Presidente da República, o grande português que do mais alto posto da governação tem sabido conduzir-nos pelos trilhos do melhor e mais completo triunfo.

Sem a acção do sr. General Carmona—nunca é demais acentuá-lo—sem a sua patriótica colaboração com Salazar, é muito possível que outro e bem diferente tivesse sido o caminho da Revolução Nacional. Felizmente, porém, Portugal pôde encontrar na figura do sr. General Carmona o chefe admirável que, embora com o maior sacrifício, tem rasgado ao país os maiores, mais largos e brilhantes horizontes.

Quinze anos depois

Ocorre dentro de breves dias, o 15.º aniversário da chegada de Salazar à pasta das Finanças.

Olha-se o caminho percorrido nêstes três lustros e não pode deixar de se bendizer a hora em que Deus quiz que chegasse ao Poder, ao Govêrno de Portugal, o homem que pôde e soube operar o verdadeiro ressurgimento nacional. Igual à data de 28 de Maio, bem pode considerar-se a de 27 de Abril. Pòrque se a primeira marca a arrancada gloriosa e heróica do Exército, a segunda constitue o início de tôda a acção renovadora que tem imposto a nossa Pátria ao aprêço e à consideração de povos e nações.

Sem a acção de Salazar, sem a patriótica obra de prestígio, Portugal jámais poderia ser a nação feliz, verdadeira excepção no Mundo atribulado de nossos dias que felizmente é.

CORDEIRO GOMES

Correspondências

Esgueira, 22

Realizou-se domingo um torneio de tiro aos pratos a que concorreram os melhores atiradores, tendo-se apurado o seguinte resultado: 1.º, Manuel Pascoal; 2.º, Manuel da Velha; 3.ºs, Joaquim de Pinho, Damião Cunha, Roque Maio e Julio Sobreiro; 4.º, António Gualter e 5.º, Manuel Fernandes da Silva.

No final reuniram-se no *Restaurant Rato*, onde foi saboreado um leitão assado.

Agradecemos o convite.

—No princípio de Maio deve fazer a sua apresentação oficial o grupo de *basket* da Casa do Povo que está a ser treinado por Alvaro de Sousa.

—De visita a suas famílias encontram-se entre nós os srs. dr. Anselmo Taborda, Juiz de Direito em Braga e esposa; Luís Ferreira, estudante da Escola Náutica de Lisboa e Manuel Maia Júnior, fiscal dos Impostos em Ancião.

C.

NECROLOGIA

Uma frebre tifoide, que se lhe havia declarado, pôz termo ao sofrimento da sr.ª D. Rosa Pinho Martins Cabrita, que desaparece na quadra mais bela da existência, pois contava, apenas, 32 anos.

A sua aparente robustez física nada fazia prever tão próximo desenlace, que às primeira horas da tarde de terça-feira, se deu, produzindo um vácuo profundo no lar que contituira há anos e do qual se desprende agora, deixando na maior consternação o desolado viuvo, sr. Artur Martins Cabrita, funcionário superior da Direcção de Estradas do Distrito e duas encantadoras crianças que eram todo o seu enlêvo—Maria Manuela, de 4 anos, e Maria Leonor, de 7.

Dotada de nobres sentimentos e de predicados que tanto a distinguiam no nosso meio, a sr.ª D. Rosa Cabrita era filha do sr. António Joaquim de Pinho, de Esgueira, e irmã das sr.ªs D. Arminda de Pinho Carvalho, D. Silvia de Pinho Campos e D. Maria de Pinho Nunes, esposas, respectivamente, dos srs. Carlos Branco de Carvalho, António da Silva Campos e dr. Julio Catarino Nunes, professor do Instituto Comercial de Lisboa e D. Alda Pinho, solteira.

O funeral da inditosa senhora realizou-se no dia seguinte, da sua residência, Rua da Granja, para o cemitério daquela freguesia, ficando o cadáver depositado no jazigo da família. Nêle se incorpou o pessoal da Direcção de Estradas com o seu director sr. eng. Almeida Graça, que era portador da chave da urna, um grupo de senhoras, conduzindo flores, e muitas outras pessoas, não só desta cidade como de Esgueira e lugares circunvisinhos.

A' numerora família, mas, em especial, ao sr. Artur Cabrita, aqui deixamos exarado o nosso pesar pelo duro golpe que acaba de sofrer.

* * *

Inesperadamente, uma hemorragia atirou para a sepultura, no último sábado, com 47 anos, o horticultor Augusto Lourenço, encarregado dos serviços de jardinagem do Parque da Cidade.

Era natural de Lisboa, deixou viuva com dois filhos e o seu cadáver foi a enterrar no cemitério novo.

* * *

Aos estragos duma grave enfermidade também deixou o mundo na noite de segunda-feira, Raúl Fernandes de Carvalho, que fazia serviço como empregado do Teatro Aveirense.

Era casado, deixou uma filha menor e possuia predicados que lhe grangearam simpatias.

Lamentamos a sua morte.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Rosa Moreira, viuva, de 68 anos; na *Quinta do Gato*, José Fernandes Novo, casado, de 84, e Manuel Tavares Fitorra, também casado, de 68; em *Esgueira*, Tereza de Jesus Lopes, viuva, de 72, e na *Quinta do Picado*, Manuel Gonçalves Ferreira, viuvo, de 83.